

JOÃO, UM SUJEITO TRANQUILO

João era peão. Trabalhava na lavoura e no campo todos os dias. De manhã cedo, quando o galo cantava, levantava o João, devagar e quieto para não acordar a patroa e a criançada, lava o rosto, pouca água para não desperdiçar. O café é um pão feito em casa, dois por semana faz a esposa, um café preto com um pouco de leite, pingado como falam os paulistas, bem quente para dar 'sustância', com um pouco de chimia de figo feita pela mãe ano passado.

No caminho para o campo encontra Seu Pedro, índio velho, acostumado às lidas do campo e de boa prosa. Dois dedos de conversa não vão atrapalhar o tempo, assim aprendo um pouco mais. A folha na boca, com a haste de fora, o palheiro na mão, saindo uma fumacinha, Seu Pedro reclamando que o médico mandou parar de fumar mas ele vai fazer o que?; é um dos poucos prazeres que ainda tem, a patroa morreu faz anos e o campo está ficando cada vez mais pesado de lidar.

Mas a prosa foi boa, aprendeu como manejar os bichos, evitar que o tourinho se aventure no banhado e pegue carrapato por lá. Segundo Seu Pedro, a tal de Patram não deixa secar aquilo, mas é bom, de lá nasce um riachinho que dá uma água boa perto da casa e tem mais campo para a bicharada ficar solta, eu é que, às vezes, tenho preguiça de ficar manejando e cuidar do gado como deveria.

Bem, na sabedoria do Seu Pedro foi se despedindo, caminhando para a sede, tem que ir até a estrebaria tratar o cavalo, comida, escova, preparar a encilha e sair para a lida. O patrão já estava de pé, caminhando pelos costados da casa e olhando as árvores que tinha plantado na semana, sempre cuidando das coisas. Uma boa prosa, depois de um bom dia bem amigo, convida para um mate que João não pode deixar de aceitar, além de patrão é gente muito boa, sempre alegre e prestativo, ajuda nos trabalhos e sempre incentiva a gurizada a estudar e aprender mais.

A lida do dia, tirar o leite das vacas, é dia de fazer queijo e a coisa tem que andar rápido, depois tocar o gado para o campo detrás do capão grande, onde João descobriu uma passagem feita pelos índios, até uns escritos nas pedras tem; sem esquecer dos bugios, eta macacada desgraçada diz João, quando ele se aproxima os bichos jogam os resíduos nele, João fica bravo mas se diverte com a defesa dos bichos.

João se aproxima do riacho da pedra afiada, ele descobriu esse nome depois de entrar na água feito cachorro caído da mudança, cortou o pé numa laje enorme e que tinha uma ponta capaz de derrotar machado. Senta na sombra de uma árvore, puxa do fiambre que a patroa tinha preparado, galinha com arroz, umas folhas de alface e um tomate, pra

beber pega agua no riacho, limpinha, transparente, dava até para enxergar os lambaris no fundo.

Bem, depois do almoço, dá uma passada pela cercada, tem um palanque que frouxou e João se atraca a firma bem ele, ainda bem que não é o mestre, senão tinha que derrubar os fios para refazer.

Tardinha, antes que escureça João leva o gado para perto da casa, tem um potreiro bem ajeitado onde a cerca é nova e fica fácil de cuidar, disseram que tinha uma jaguatirica por perto e o patrão não quer perder algum terneiro para o bicho do mato.

Bem, trabalho feito, cavalo limpo, escovado, banhado, se despede do patrão e da patroa, que já estavam tomando mate na frente da casa, embaixo do cinamomo. No caminho, um alô para o Preto Velho e Seu Pedro que também voltavam da lida.

Na chegada em casa aquela folia toda, a gurizada tinha aprontado de novo, se esconderam atrás das árvores e quando João passou jogaram um balde de água nele. Uma correria só, risadas, gargalhadas. João corre de atrás e agarra o mais novo, finge brigar e se rolam na grama dando risada, os outros piás vendo a folia correm para cima dos dois e todos se atacam a rolar na grama e a se divertir. A mãe vendo tudo aquilo, pega um balde de água e corre para a folia também, um banho em todo mundo.

Assim era João, sujeito simples, calmo, de família, sem muita frescura mas com alegria o tempo todo.

